

Centro de Estudos Baianos

DIOGO SOARES DA SILVA E BIVAR

PRINCIPIOS GERAES OU VERDADEIRO METHODO

Para se aprender a lêr, e a pronunciar
com propriedade a Língua Franceza

1811

EDIÇÃO FAC-SIMILAR

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

117

DIOGO SOARES DA SILVA E BIVAR

**PRINCIPIOS GERAES
OU
VERDADEIRO METHODO**

**Para se aprender a lêr, e a pronunciar
com propriedade a Língua Franceza**

1811

EDIÇÃO FAC-SIMILAR

**Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos
1985**

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Professor Germano Tabacof
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professora Eliane Elisa de Souza e Azevedo
Vice-Reitora da UFBA.

Professor Fernando da Rocha Peres
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA

1985 10 anos
do Centro de
Estudos Baianos

Esta publicação é uma homenagem da Universidade Federal da Bahia, através do Centro de Estudos Baianos, ao Presidente François Mitterrand, quando da sua visita ao Brasil em Outubro de 1985.

Bivar, Diogo Soares da Silva de
Princípios gerais ou verdadeiro método para se aprender a ler e a pronunciar com propriedade a língua francesa / Diogo Soares da Silva de Bivar ; nota explicativa de Renato Berbert de Castro ; apresentação de Cláudio Veiga. — Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1985.

IX-22 p.; 22cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação ; 117)

Reprodução fac-similar da obra publicada na Bahia, pela Typ. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1811, 22p.

1. Francês - Gramática. I. Castro, Renato Berbert de. II. Veiga, Cláudio. III. Título. IV. Série.

CDU - 804.0-5

(Centro de Estudos Baianos da UFBA)

NOTA EXPLICATIVA

Renato Berbert de Castro

Sobre os *Princípios Geraes ou Verdadeiro Methodo para se aprender a lêr, e a pronunciar com propriedade a Língua Francesa*, sem a menor dúvida o primeiro livro didático impresso na Bahia, já tivemos a oportunidade de dar uma longa notícia no nosso trabalho *A Primeira Imprensa da Bahia e suas Publicações - A Tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva*, de 1968, que agora aproveitamos - em parte e novamente redigida - para esta apresentação.

Inocência Francisco da Silva, no *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo IX, p. 130, atribuiu a autoria do opúsculo a Diogo Soares da Silva e Bivar, dizendo: "Na Bahia Bivar publicou um pequeno folheto intitulado: *Princípios geraes para aprender o francez*: o qual foi bem acolhido, e dele se fizeram duas edições na Ofic. de Serva, a única que por esse tempo, segundo creio, existiu naquela cidade."

O bibliógrafo português, portanto, não diz o ano de impressão do livreto, e reduziu o seu título para *Princípios geraes para aprender o francez*, o mesmo que consignam Sacramento Blake, no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, 2ª vol., p. 183, Velho Sobrinho, no *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*, vol. II, p. 354, e o prof. Hélio Viana, na sua notável *Contribuição à História da Imprensa Brasileira*,

p. 25. Esses três últimos autores afirmam ser a pequena obra de 1812, e ter merecido - segundo a lição de Inocêncio - uma segunda edição na mesma oficina gráfica. A reprodução resumida do título do trabalho e a indicação de ter sido impressa em 1812, e não em 1811, como consta de seu frontispício, é motivo suficiente para nos dar a certeza de que nenhum dos estudiosos aludidos teve a oportunidade de examinar o raríssimo impresso da Tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva.

Também não acreditamos ter havido uma segunda edição baiana dos *Princípios Geraes*, como indica Inocêncio e seus seguidores, porque não a vimos registrada na *Idade d'Ouro do Brazil*, e dela não temos a menor referência à existência de algum exemplar. É possível que a segunda edição do opúsculo só se tenha realizado em 1820, na Tipografia Rolandiana, de Lisboa, em cuja folha de rosto conta: "Segunda Edição", com o til sobre o o, de acordo com o exemplar que temos em nossa biblioteca.

Que a edição dos *Princípios Geraes* é de 1811, temos absoluta certeza. Além de constar essa data na portada, o jornal *Idade d'Ouro do Brazil* anunciou o seu aparecimento na edição de 27 de agosto desse ano, sendo 200 réis o preço de venda do exemplar.

O fato de não constar o nome de Bivar nos *Princípios Geraes* é, a nosso ver, um elemento, embora não de força conclusiva, a favor de sua autoria. Ele fora condenado a degredo perpétuo em Rios de Sena, no Moçambique, justamente por ter exercido o cargo de Juiz de Fora de Abrantes, "no tempo do intruso governo francês." Publicando um trabalho didático sobre a língua francesa, numa época em que pretendia do governo português o perdão da pena que lhe

fora imposta, o que acabou conseguindo, Bivar teria, óbvia e prudentemente, de omitir o seu nome.

José Carlos Rodrigues, no seu estimado *Catálogo anotado dos livros sobre o Brasil*, registra, sob n. 1.963, os *Princípios Geraes*, anotando: "In-169; 22 págs. Br. (Bichado.) Raríssimo." É realmente de extrema raridade esse livreto. Em nossa longa peregrinação em busca dos impressos da Tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva, apenas encontramos um único exemplar dos *Princípios Geraes*, em poder do historiador Francisco Marques dos Santos. Após sua morte, tivemos a oportunidade de comprá-lo para a nossa biblioteca, possibilitando a presente reprodução fac-similar pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA, por iniciativa e solicitação do Prof. Fernando da Rocha Peres, seu Diretor, e com uma Introdução do Prof. Cláudio Veiga, Docente Titular de Língua e Literatura Francesa da UFBA.

INTRODUÇÃO

Cláudio Veiga

O primeiro livro didático publicado no Brasil saiu dos prelos da Imprensa Régia, Rio de Janeiro, em 1808. Era um livro de matemática. No entanto, foi na Bahia que veio a lume o primeiro livro didático ligado às letras, um pequeno manual de pronúncia francesa: *Princípios geraes ou verdadeiro methodo para se aprender a lêr, e pronunciar com proprieda de a Língua Franceza, Bahia, 1811, Na Typ. de Manoel Antônio da Silva Serva*. O único exemplar de que se tem notícia pertenceu a Francisco Marques dos Santos, por muito tempo diretor do Museu Imperial de Petrópolis e é, hoje, da propriedade do historiador e bibliófilo Renato Berbert de Castro.

Esse livrinho, segundo Inocêncio, é da lavra de Diogo Soares da Silva e Bivar. Desterrado da Metrópole para Moçambique, por haver colaborado com o invasor francês, o Autor, encurtando a viagem punitiva, radicou-se na Bahia, onde publicou seu opúsculo. Beirava, então, vinte e três anos de idade.

Pouco tempo antes, isto é, no final do século XVIII, dois episódios trazem um testemunho específico da presença francesa na Bahia. Assim, entre os livros do tenente Hermógenes Francisco de Aguillar, apreendidos por ocasião da Conjuração dos Alfaiates (1798), e marcadamente ligados à França, se encontram um *Vocabulaire Français* e uma *Gramática Francesa*. Outro exemplo de francofilia é o que oferece,

na mesma época, o jovem Caetano Lopes de Moura que, estudando, nas Aulas Régias, gramática latina, língua grega, retórica e filosofia, quis também aprender o idioma francês. Valeu-se, então, Caetano Lopes de Moura da amizade de um discípulo, filho de ilustrada e importante família e conhecedor da língua francesa. Complementava as lições recebidas, lendo autores franceses pertencentes à fornida biblioteca do pai do improvisado mestre. Assim como é sintomático o interesse pela língua francesa nesses dois contemporâneos da Revolução dos Alfaiates, não é menos significativo o pequeno manual cujo Autor arribara à Bahia por suas afinidades com o invasor de Portugal.

O livro não passa de vinte e duas páginas, intitulando-o, por isso, Inocência - "pequeno folheto". Para justificar esse tamanho reduzido, apresenta o Autor, como epígrafe, uma citação da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, segundo a qual tudo se torna mais conciso com ordem, método e medida: *Omnia breviora reddet ordo, & ratio, & modus*. Por suas dimensões e seu conteúdo, tem o opúsculo a feição de um capítulo de gramática francesa. Acena, aliás, o Autor com a publicação de um livro dessa natureza: "Se esta pequena tarefa for tida em alguma conta, tiraremos daqui animo, e forças para nos propormos à publicação de huma Grammatica, que possa satisfazer, quanto possível fôr, aos que se applicarem ao estudo deste idioma".

Compreende as seguintes partes: *Principios Gerais, Valor das voages considerando-se compostas, e dythongadas, Valor das Vogaes formando nazaes, Variações diferentes, Regras geraes para a pronuncia, Dos Accentos*. Era um roteiro oferecido a quem desejasse penetrar no cipoal que é a relação entre

ortografia e fonética. Compreendendo, com efeito, o alfabeto francês vinte e seis letras, estas, isoladas, agrupadas ou marcadas pela acentuação, perfazem mais de cem *letras-sons* que transcrevem, sem muita lógica, os trinta e seis sons da língua francesa. Em vinte e duas páginas, o verdor da idade e as doutrinas de então, abre Diogo Soares da Silva e Bivar as veredas que lhe foi possível abrir.

Encontrou o opúsculo um ambiente favorável, conforme assinala Inocência: "(...) foi bem acolhido e dele se fizeram duas edições na Ofic. de Serva, a única que, por esse tempo, segundo creio, existia naquela cidade". Mas o interesse pelo trabalho não se exaure na Bahia. Merecerá uma edição lisboeta, havendo a conceituada Tipografia Rollândiana impresso, em 1820, para a Casa de F.B.C. de Mechas, uma edição levemente corrigida e com superior apresentação gráfica.

Uma das particularidades do livrinho é que não fica sempre na perspectiva da língua francesa. Por destinar-se a falantes de língua portuguesa, esboça uma abordagem comparatista, embora ingênua, por vezes. Na caracterização da vogal, *u* francesa, encontra-se este comentário: "(...) o *u* Francez tem huma pronúncia positivamente particular a este idioma, e acerca do qual se não pôde, nem deve dar outra regra, que não seja a de observar-se como he pronunciado pelos nacionaes mais cultos, e mais polidos". E para se pronunciar corretamente o *eu* em *bonheur*, recebe-se este conselho: "Milita para a sua pronúncia a mesma difficuldade, que acima notamos para o *u* Francez, deve porém advertir-se que convem de abrir pouco a boca, dilatar muito a pronúncia do *u*, misturallo de certo modo com um *e*."

Na terminologia adotada pelo Autor, chamam particularmente a atenção certos fatos, como o emprego de expressões pitorescas: *afinçar e misturar o som, pronunciar carregadamente, adoçar a pronúncia*, etc. E também certas designações, hoje consideradas im próprias como o ditongo, na seguinte conceituação: "Dá-se dythongo se dois sons vogaes unidos se pronunciarem juntos, e em hum só impulso de voz". Embora, desde 1788, o *Traitê des sons de la langue française*, de Bouillette, não aceite considerar como ditongo o que não passava de simples vogal, era essa conceituação encontradiça em gramáticas francesas da época, não fazendo Bivar mais do que reproduzir o que era ensinado por muitos.

Também, quando se refere a *vogal e consoante*, sem a devida distinção entre *vogal-letra, consoante-letra*, de um lado, e *vogal-som, consoante-som*, do outro lado, está Bivar em harmonia com manuais de seu tempo. Era tão arraigada essa indistinção ou confusão que, ainda em nossos dias, várias gramáticas ainda se sentem na obrigação de enfatizar a distinção entre *letras e sons*.

Tal apego às letras, aos caracteres está, de certa maneira, ligado ao objetivo do livro que, de acordo com o título, era chegar à pronúncia, partindo do texto escrito. Parte, na verdade, o Autor, não dos sons, como se costuma fazer atualmente, mas das letras, às quais chega da seguinte maneira: em sumária consideração da estrutura da língua francesa, desce das sentenças ou proposições até as palavras, destas para as sílabas, nas quais os sons resultariam do entrechoque das letras. Em sua mencionada concepção de ditongo, não veria, por exemplo, em *ai* (*ê* ou *è*, em nossa pronúncia figurada), uma vo

gal que é transcrita em duas letras, mas duas autênticas vogais cujos sons seriam pronunciados ao mesmo tempo. Essa crença, implícita naquela concepção de ditongo, vem explicitada ao ser comentada a pronúncia de *ai* quando se lhe segue *m* ou *n*: "Seguindo-se hum *m*, ou *n* na mesma syllaba de *ai*, o *a* terá o som de *e* fechado, e o *i* se pronunciará com o seu próprio som: Exº *Saint*".

Tal pronúncia, não a encontrou, certamente, Bivar em gramáticas francesas. Trata-se evidentemente, de um pequeno equívoco do jovem Autor. Como também se observam outros pequenos equívocos: a regra da pronúncia do *f*, a ausência de ligação quando o pronome *on* vem seguido do verbo que comece por vogal, etc.

Escrito em tempos recuados, consigna o pequeno manual certas hesitações na maneira de escrever, hoje desaparecidas, como a persistência da grafia antiga *oi*, em concorrência com a grafia moderna *ai*: "Em todos os casos em que *oi* vale *e*, Mr. de Voltaire, de Condillac, e muitos outros modernos de nota, escrevem *ai*, emenda certamente bem entendida para remover todo o equívoco". Atesta, igualmente, a permanência do *l mouillé*, na pronúncia.

Se, para as obras literárias, Renan só admitia uma admiração histórica, cumprindo, para julgá-las, relacioná-las com o tempo e o meio em que surgiram, com bem maior razão, esta seria a admiração que cabe aos livros didáticos. Contendo alguns enganos devidos ao próprio Autor e refletindo conhecimentos linguísticos da época, o livrinho de Bivar, depois de haver prestado bons serviços, como faz sentir Inocêncio e o demonstram as suas edições, conheceu o natural envelhecimento dos livros didáticos. De 1811

aos nossos dias, os estudos sobre a pronúncia franceza muito se adiantaram, bastando lembrar, mais recentemente os trabalhos de Fouché, Delattre e Straka. No entanto, como a admiração histórica pode ser maior ou menor, o pequeno manual de Bivar é merecedor de uma admiração particular. Além de sua fé de ofício, é, na área das letras, o primeiro livro didático impresso no Brasil.

PRINCIPIOS

GERAES

• U

VERDADEIRO METHODO

Para se aprender a lèr, e a pronunciar
com propriedade a Lingua Franceza.

Omnia breviora reddet ordo, & ratio, & modus.

Quintilianus Instit. Orator. lib. 12. c. 11.

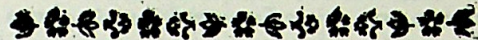


B A M I A :

1 8 1 1.

Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva:

Com as licenças necessarias.



PRINCIPIOS GERAES.

O Alfabeto Francez consta dos mesmos sons elementares que o alfabeto Portuguez, contando-se igualmente os tres sons representados pelas letras K, Y, e Z, que em ambos os idiomas se passarão por emprestimo do Grego.

A pronuncia dos sons vogaes he em geral a mesma que a dos sons vogaes Portuguezes, mas a das consoantes, ou sons mixtos, como nós entendemos que se devem definir os sons consoantes, quando se considerão abstractamente sem intervirem nas syllabas, devem pronunciar-se como se a cada som apegassemos hum e pouco claro, a saber, *be, ce, de, &c.*

Observe-se que fallando os Francezes de hum *H*, de hum *X*, de hum *T*, e de hum *Z*, dizem hum *ache*, hum *ixe*, hum *y* Grego, e hum *Zede*. Convém de notar, i.^o que

que o som do *a* Francez he mais aberto, e mais claro do que o do *a* Portuguez: 1.º que o *e* Francez he sujeito a quatro modulações diversas, que dependem dos accentos que o dominão, ou da negação dos mesmos accentos, e assim contrão *e* aberto, ou grave com accento da esquerda para a direita, *e* fechado, ou agudo com accento da direita para a esquerda; e mediano que he aquelle que pouco ou nada se pronuncia, e *e* mudo que absolutamente se não pronuncia: e 2.º finalmente que o *u* Francez tem huma pronuncia positivamente particular a este idioma, e acerca do qual se não pôde, nem deve dar outra regra, que não seja a de observar-se como he pronunciado pelos nacionaes mais cultos; e mais polidos.

Como os elementos do idioma Francez são os mesmos que os do idioma Portuguez, a contextura do discurso, he tambem a mesma, isto he, as sentenças ou proposições compoem-se de palavras, as palavras de syllabas, e as syllabas de sons elementares, e suas modificações, que são os que se representam aos olhos com letras, e de que acima tratamos.

Dá-se portanto syllaba em toda a vogal só, ou combinada com consoantes postas antes, ou depois, e pronunciada em hum só impulso, ou emissão de voz.

Dá

Dá-se dithongo se dois sons vogaes unidos se pronünciarem juntos, e em hum só impulso de voz.

Dá-se som nasal em todas as vogaes, cuja pronuncia se sóta mais pelo nariz do que pela boca, e são nazaes todas as vogaes que se achão immediatamente antepostas a hum *m*, ou *n*.

Ainda que os sons especificos de cada hum dos elementos das palavras Francezas, seja como dissemos, o mesmo em geral que o das palavras Portuguezas, com tudo a combinação destes sons na disposição das syllabas, e por consequencia das palavras he muito differente, e variavel. As seguintes taboas mostrão em breves termos, as differentes combinações por que as letras vem a mudar dos seus sons primitivos.

N. B. Atenda-se bem aos accentos que dominão os *ee* cujos sons representam os diversos dithongos que tem o valor desta vogal.

Va

Valor das vogaes considerando-se como
puras, e dythongadas.

Al, e *Ay*, vale *é*: Ex.^o, *maison*.

OBSERVAÇÃO.

Seguindo-se hum *m*, ou *n* na mesma
syllaba de *ai*, o *a* terá o som de *e* fecha-
do, e o *i* se pronunciará com o seu pro-
prio som: Ex.^o *Saint*. Se estiverem dois
pontinhos sobre o *i*, o *a*, e o *i*, conservarão
o seu proprio som, v. gr. *maisonne*. (*)

Eai vale *é*: Ex.^o *je mangeai*.

Ae, e *Aye*, vale *ê*: Ex.^o, *waie*.

Aient, vale *ê*: Ex.^o *qu'ils aient*.

OBSERVAÇÃO.

Só nos tempos dos verbos que assim
se abão.

(*) Em geral todas as vezes que sobre al-
guma das duas vogaes de hum dythongo estive-
rem dois pontinhos, cessa o valor do dythongo
em si; e cada vogal se pronuncia separadamente.

Ei, vale *e*: Ex.^o *prime*.

OBSERVAÇÃO.

Seguindo-se hum *m*, ou *n* na mesma
syllaba, pronunciação de justas ambas as vo-
gales, e com os seus proprios sons: Ex.^o
meindre. Havendo algum accento, ou pon-
tinhos no *e*, as duas vogaes se pronuncião
distinctas, e separadas: Ex.^o *obeir*.

Oe, vale *é*: Ex.^o *économie*.

OBSERVAÇÃO.

No meio das palavras varia o som, e
se pronuncia distinctamente cada vogal.

Oi, e *oy*, vale *oi*: Ex.^o *espoir*. (*)

OBSERVAÇÃO.

Oi, vale *oi*. 1.^o Em todos os nomes
substantivos, assim proprios como appela-
tivos,

(*) Se houverem dois pontinhos sobre o *i*,
então as duas vogaes hão de pronunciar-se se-
paradas, guardando cada hum a seu proprio
som, v. gr. *Zoik*.

nos, adjectivos, pronomes, e adverbios, como *François*, *Francisco*, *roi*, *adroit*, *etroitement*, &c. excepto os nomes *foible*, *connoissance*, e seus derivados em que *oi* vale *e*.

2.º Em todos os monosyllabos de qualquers natureza, v. gr. *loi*, *moi*, &c.

3.º Em todos os nomes de nações, excepto os de *Polonois*, *François*, *Anglois*, *Ecosois*, *Piémontois*, e *Maltois*, em que vale *e*.

4.º Em todos os infinitos dos verbos terminados em *oir*, v. gr. *avoir*.

E 5.º Em todos os verbos da 3.ª conjugação que acabão no infinito em *oir*, e nos seus tempos conjugados, excepto pôtem em todas as pessoas dos preteritos imperfeitos, tanto do indicativo, como do conjunctivo, e não somente nos verbos da 3.ª conjugação, mas também nos das outras, em todos os quaes vale *e* aberto. O mesmo acontece em todos os verbos, cujos infinitos terminão em *oïre*, e não só no infinito, mas nos demais tempos conjugados sem excepção alguma.

Observe-se que todas as vezes que *oi* for seguido de hum *n*, perde a natureza de *dythongo*, fazendo *o* e *syllaba* com a letra antecedente, e *oi* com *o n*, e se

pro-

pronuncia então como nasal: Exemplos *loïil*, *soïil*, *joïndre*, &c. (**)

Eoïent, vale *e*: Ex.º *ils nageoïent*.

Oïent, vale *e*: Ex.º *ils troïent*.

Ea, vale *a*: Ex.º *il songea*.

Au, vale *o*: Ex.º *aucun*.

Bau, vale *o*: Ex.º *bateau*.

OBSERVAÇÃO.

Excepção-se os nomes *fléau*, e *préau*, em que *o* e se pronuncia carregadamente.

Eo

(*) Excepto o caso em que *o n* fizer syllaba com a letra seguinte, v. gr. *chenoïne*.

(**) Em todos os casos em que *oi* vale *e*, Mr. de Voltaire, de Condillac, e muitos outros modernos de nota, escrevem *oi*, emenda-
tamente bem entendida para remover todo o equívoco.

(10)

Ea, vale *ê*: Ex.º *pigeon*.

OBSERVAÇÃO.

Havendo o accento no *e*, ambas as vogaes se pronunciação separadamente, e com os seus proprios sons, v. gr. *préoccupation*.

Aia, e *Aya*, vale *eia*: Ex.º *il delaya*.

Aio, e *Ayo*, vale *eiô*: Ex.º *ayons*.

Note-se que ora assim vale, ora simplesmente *ai*.

Ou, vale *u*: Ex.º *croûte*.

Note-se que vale exactamente *u* Portuguez.

Ui, vale *i*: Ex.º *vuide*.

OBSERVAÇÃO.

Quando assim não vale, costuma se accentuar o *u*, ou o *i* com huma, ou dois pontinhos, e neste caso separão-se as vogaes, e pronunciação se distinctamente: Ex.º *nuite*, *cuire*.

Eu,

(11)

Eu, vale *u*: Ex.º *ibiteur*.

OBSERVAÇÃO.

Milita para a sua pronúncia a mesma difficuldade, que acima notamos para o *u* Francez, deve porém advertir-se que convém de abrir pouco a boca, dilatar muito a pronúncia do *u*, e misturallo de certo modo com hum *e*.

Aout, vale *u*: Ex.º *Aout*.

Valor das Vogaes formando nazaes.

EM, vale *am*: Ex.º *embellissement*.

Excepto quando o *m* faz syllaba com a letra seguinte, porque então seã *e*; v. gr. *eminence*.

Emm, vale *em*: Ex.º *emmener*.

Excepto em *femme*, em que vale *amm*.

En.

En, vale *an*: Ex.^o *enfant*.

Ο β ε ρ α γ α δ.

Excepto, 1.^o na palavra *Attention*, que se lê como se escreve; 2.^o em todas as palavras em que o *n* fizer syllaba com a letra seguinte, porque neste caso vale *en*; 3.^o em todas as palavras que acabarem em *en*, que se pronunciação como se escrevem, excepto todavia o adverbio *en*, que vale *an*; e 4.^o ultimamente em todos os nomes próprios de homens, e em adjectivos pertencentes as sciencias, e as religiões, v. gr. *Sebastien*, *Physicien*, *Chretien*, &c.

Enn, vale *en*: Ex.^o *ennemi*.

Im, vale *em*: Ex.^o *imbécillité*.

Excepto quando o *m* fizer syllaba com a letra seguinte, porque neste caso vale *i*, pronunciação se este separadamente do *m*: Ex.^o *imitér*.

Imm, vale *im*: Ex.^o *immédiatement*.

In, vale *em*: Ex.^o *venin*.

Excepto se o *n* depender da letra seguinte.

te, porque então pronuncia-se o *i* com o seu proprio som, e separadamente: Exemplo *inégalité*. Observe-se que se o *j* for Grego, o som deverá ser o natural, misturando-se com *hum* e muito imperceptivel.

Inn, vale *in*: Ex.^o *innocent*.

Variações diferentes.

Gna vale *nta*, *nbo* vale *no*.

Gne *nbe*, *nbn* *nn*.

Gni *nbi*, *lha* *la*.

Gno *nbo*, *lbe* *le*.

Gnu *nbn*, *lbi* *ll*.

Nba *na*, *lbo* *lo*.

Nbe *ne*, *lbn* *ln*.

Nbi *ni*, *cba* *ca*.

Che *xe*, *pho* *fo*.

Chi *xi*, *phu* *fu*.

Argon *pho* *fo* *cho*.

Cho *aille* *olbe.*

Chu *aille* *elbe.*

Pba *fa, oille* *olbe.*

Phe *fe, uille* *ulbe.*

Pbi *fi, Ti precedido de vogal, ei.*

Note-se que as syllabas *cha, che, chi* valem *Ka, Ke, Ki*, em todos os nomes derivados do Grego, do Hebraico; &c.

Regras geraes para a pronúncia.

Toda a letra consoante final de qualquer dicção, não se pronuncia, se a dicção seguinte começa também por consoante.

Excepção-se desta regra todas as partes acabadas em *r, l, r,* e *ur*, nas quaes se devem pronunciar as ditas consoantes. Excepção-se igualmente todos os infinitos dos verbos acabados em *oir*, nos quaes se pronuncia o *r* final, v. gr. *avoir*.

Note-se que da excepção das partes acabadas em *l*, se exceptua o pronome *il*, no qual se não pronunciará o *l*, senão quando se lhe seguir vogal.

Se porém a dicção seguinte começar por vogal, a consoante derradeira da dicção antecedente, fere com a vogal da subsequente, e forma syllaba com ella. Exemplo: *non sômes amis*, que deve lêr-se *nu-sômes* *am-i*.

Se qualquer dicção, que acaba em *n*, fôr seguida de hum verbo que comece por vogal, não fere o *n* na vogal, para evitarmos que se entenda, que negamos aquillo mesmo que aliás queremos affirmar. Neste caso o *n* se pronuncia separadamente sem ferir, e dando-se-lhe hum som de *m*. Para mostrar-mos quanto convém de termos exactos, e escrupulosos nesta regra, analysemos o seguinte exemplo.

On a suivi en tout les vues de le législature.

Se ferir-mos o *n* com a terceira pessoa do verbo *avoir*, haver ou ter, no seu indicativo, parecerá que affirmamos que se não tem seguido em tudo as vistas, ou os projectos do Legislador, quando aliás o que queremos dizer he, que em tudo se tem

(16)

seguido. Para remover-mos pois o equívoco que resulta da pronúncia ferindo neste caso, he que devemos dizer assim: *Om a quivi, &c.*

4.^a

A letra *C* no fim das palavras se pronuncia sempre com hum tom aspero, ainda quando se siga hum *i*. Note-se que o *c* sôa como *g* nas palavras *second*, *secondement*, *secondar*, &c.

5.^a

A syllaba *ent* não se pronuncia nas terceiras pessoas do plural dos verbos que assim acabão, mas suspende-se a pronúncia na letra que lhe precede. Exemplo: *ils doi vent*.

6.^a

O *ch* Francez quando não intervem em palavras derivadas do Hebraico, Caldaico, Grego, ou do Latim, como acima dissemos, vale *x*, com a differença porém á pronúncia ordinaria dos Portuguezes, que se dilata mais a voz, v. gr. *charmant*.

7.^a

(17)

7.^a

Dois *cc* em qualquer palavra tem a pronúncia de *k*, e *s*, ligando-se o primeiro *c*, ou *k* á letra antecedente, e o segundo *c*, ou *s* á letra subsequente. Exemplo: *accent*.

8.^a

A letra *f* no fim das palavras pronuncia-se como *v* consoante. Exemplo: *neuf*. Exceptuão-se desta regra todos os monosyllabos acabados em *f*, nos quaes este se pronuncia, assim no singular, como no plural. Exemplo: *Juis*, *cerf*, &c.

9.^a

A letra *l* só, ou dobrada, quando fór precedida de hum *i*, he líquida, e tem o som de *lh* Portuguez. Exemplo: *vallant*, *soeil*.

Esta regra não tem lugar, 1.^o Quando o *l* fórna syllaba com a letra seguinte: 2.^o Quando os nomes em que elle se acha trazem a sua etymologia do Latim: 3.^o Nas palavras, *Nil*, *fil*, *file*, *ville*, *mille*, *tranquille*, *pupille*, *imbécille*, *lille*, *distiller*, *gilles*: e 4.^o Quando o *i* que precede ao *l*,

(18.)

l, ou *ll* heza letra inicial da palavra, em todos os quaes-casos o *l* conserva o seu som, ou valor natural.

10.^o

O *r* tem em Francez os mesmos tres sons que em Portuguez, a saber: suave, mediano, e aspero, ou forte. He suave quando se acha entre duas vogaes, v. gr. *Auroré*; mediano no principio dos nomes, v. gr. *rege*; e forte quando he dobrado v. gr. *terre*.

11.^o

A letra *s* no principio das palavras tem hum som forte, v. gr. *sevérité*, e no meio dellas, sendo dobrada conserva o mesmo som, v. gr. *assurer*: estando porém no meio de duas vogaes vale como *z*, e no fim das palavras havendo de pronunciar-se com a vogal primeira da dicção seguinte, vale tambem *z*. Note-se que em todas as palavras que começo pela preposição *prés*, o *s* conserva o seu proprio som, e com força. Exemplo: *Présence*.

12.^o

Se hum *s* principiar huma palavra, e se lhe seguir immediatamente a letra *c*, se

(19)

ja qual for a consoante; ou vogal, que acompanhar o *c*, então deve pronunciar-se o *s* como *es*. Exemplo. *Scrupule*. Suprimese o *s* em *Sceptre*, *schisme*, *lascif*, *subling*, e *scène*.

13.^o

A letra *x* em todas as palavras que não começo por ella, tem o valor de *sc*, e assim se deve sempre pronunciar. Exemplo: *Alexandre*.

14.^o

Todas as parte acabadas em *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *er*, *et*, *ez*, são de sua natureza longas.

15.^o

As syllabas *qua*, *que*, *qui*, *quo*, &c. fazem *Ka*, *Ke*, &c. v. gr. *qualité*. Exceptuão-se desta regra todas as palavras Latinas sfrancezadas, v. gr. *equateur*, *equestre*, em que fazem *cua*, *cue*, &c.

16.^o

O *h* na lingua Franceza, ou he mudo, ou aspirado: os casos em que tem ora hum, ora outro som são difficéis de determinar
exa-

exactamente, pela variedade do uso. Para os que sabem a lingua Latina eis-aqui duas regras que devem observar.

1.^a Todos os nomes que assim em Latim, como em Francez começão por *h*, não se aspirão em Francez, excepto em *béros*, *bernie*, *barpie*, *haliter*.

2.^a Todos os nomes que em Latim se não escrevem com *h*, mas que começão por *e* ta letra em Francez, devem aspirar-se, excepto em *heureux*, *buit*, *buitre*, e *buite*. Note-se que o *h* no meio das palavras sempre he mudo.

Dos Accentos.

Accentos são os signaes que nos indicão a fôrça, ou moderação com que devemos exprimir as vogaes, ou o valor que devemos dar-lhes na sua pronunciação, ou já alteando, e afinando o som, ou já impelindo-o rapidamente, ou já alongando-o, e moderando o.

Na lingua Franceza ha tres accentos; e saber: accento agudo, que se escreve da direita para a esquerda ([´]), accento grave da esquerda para a direita (_˘), e accento circumflexo assim (^ˆ), e servem especialmente para distinguir os differentes *ee*.

O accento agudo põe-se sobre aquelles

ee,

ee, que devem pronunciar-se abrindo mais a boca, e impelindo o som rapidamente; v. gr. *félicité*, *répété*, &c.

O accento grave põe-se sobre aquelles *ee*, que devem proferir-se claramente, e em hum tom grave; v. gr. *progrés*, *accés*, &c. O accento grave dá-se tambem 1.^o sobre a proposição *à* para distinguilla da terceira pessoa de verbo *avoir*, *il a*: 2.^o sobre o adverbio *là*, para distinguillo de *la* artigo; e 3.^o sobre o adverbio (*onde*) para distinguillo da conjunção *ou*.

O accento circumflexo põe-se para alongar as syllabas, e para as adoçarmos na pronúncia: indica tambem que naquella syllaba se supprimio hum *s*. Exemplo: *être*, que antigamente se escrevia *estre*.

Taes são as regras que nos parecem mais essenciaes, e mais apropriadas a ensinar a boa pronúncia da lingua Franceza, e podemos assegurar que as havemos collido dos melhores Grammaticos, e de Escriptores mui-recommendaveis. Se esta pequena tarefa for tida em alguma conta, tiraremos daqui animo, e fôrças para nos propormos á publicação de huma Grammatica, que possa satisfazer, quanto possível fór, aos que se applicarem ao estudo deste idioma. Por agora, e no emtanto contentamo-nos de dizer com Mr. Duclos:

„ *Peu*

(22)

„ Peu de règles et beaucoup d'usage ;
voilà la clef des langues et des arts. Peut-
être y viendrat-on , quand la raison , au-
ra proscrite les vieilles routines , qu'on a
la bonté de regarder comme des méthodes
d'insstruction. „

(Condillac Grammaire Cap. dernier.)

F I M.



Impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

1985 ANO
NACIONAL
DA CULTURA

APOIO CULTURAL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GOVERNO JOÃO DURVAL CARNEIRO